



O tratamento do Alzheimer com a musicoterapia

Lívia de Sousa Dias¹; 0009-0006-9299-4277

Clara de Oliveira Fontes¹; 0009-0002-2514-8530

Walter Luiz Moraes Sampaio da Fonseca¹; 0000-0003-4635-0017

Marcilene Maria de Almeida da Fonseca¹; 0000-0001-8990-3756

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

liviadesousadias@gmail.com

claraafnts@gmail.com

walter.luz.fonseca@gmail.com

marcilene.fonseca@foa.org.br

Resumo: A doença de Alzheimer (DA) tem maior incidência em idosos. É uma doença que não tem cura, entretanto, apresenta tratamentos farmacológicos e a musicoterapia tem se mostrado uma boa terapia complementar. Este artigo visa descrever os possíveis efeitos da musicoterapia na DA, apresentando-a como prática complementar no tratamento da doença. Foi feita uma revisão de literatura, de aspecto analítico e descritivo, de artigos publicados em português e inglês, no período de 2007 a 2022 nos bancos de dados Pubmed, Scielo e Google Acadêmico, com os descritores, selecionando-se 47 artigos para análise e, dentre estes, 12 artigos que melhor apresentaram o tema. Os critérios de inclusão foram os que melhores correlacionaram a musicoterapia e a DA, e os de exclusão foram artigos que não continham essa associação ou não abordavam o tema de forma específica. Com isso, a musicoterapia mostrou-se uma boa alternativa no tratamento para a DA, coadjuvante ao tratamento farmacológico, com uma eventual melhora da reorganização cognitiva dos pacientes.

Palavras-chave: Alzheimer. Musicoterapia. Música. Memória. Cognição.





INTRODUÇÃO

A doença de Alzheimer é uma demência que mais afeta os idosos na atualidade (KHAN, 2020). É uma doença neurodegenerativa crônica que se caracteriza pelo desenvolvimento progressivo de perda de memória, também envolve dificuldade de linguagem e disfunção executiva, o que dificulta a realização de atividades básicas e instrumentais da vida diária (BERKENBROCK, 2017). A doença de Alzheimer não tem cura no momento, no entanto, há tratamentos que melhoram a qualidade de vida do paciente (KHAN, 2020) e a musicoterapia tem-se mostrado uma boa opção. A sessão de Musicoterapia pode auxiliar na reorganização de tempo e espaço na questão cognitiva, afetiva e corporal para o portador da DA. Dessa forma, torna-se relevante compreender sua melhora na funcionalidade cognitiva e social dos pacientes. (CUNHA, 2007). A revisão em questão visa apresentar a eficácia da musicoterapia no tratamento do paciente com Alzheimer e tem como objetivo descrever com base em revisão bibliográfica os possíveis efeitos da musicoterapia na doença de Alzheimer, além de apresentar a musicoterapia como prática complementar no tratamento da demência.

MÉTODOS

Foi feita uma revisão de literatura, de aspecto analítico e descritivo, com informações extraídas de artigos publicados em português e inglês, no período de 2007 a 2022, a partir dos descritores "Alzheimer", "musicoterapia" e "Alzheimer e musicoterapia" pesquisas nos bancos de dados Pubmed, Scielo e Google Acadêmico. Encontrou-se 203.826 artigos no Pubmed e no Scielo 1.404 com o descritor Alzheimer. O descritor "musicoterapia" teve 42 artigos encontrados na plataforma PubMed e 142 artigos na plataforma da Scielo. Enquanto o descritor "Alzheimer e musicoterapia" teve 1 encontrado na plataforma PubMed, 4 na plataforma da Scielo e 4.480 artigos encontrados no Google Acadêmico. Destes, foram selecionados 47 artigos para análise e, dentre estes, 12 artigos que melhor apresentaram o tema. Os critérios de inclusão foram os que melhores correlacionaram a musicoterapia e o Alzheimer e





excluimos artigos que não continham essa associação ou não abordavam o tema de forma específica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o aumento da população idosa, evidenciou-se o incremento dos casos de doença de Alzheimer que podem ser diagnosticados em diferentes estágios da doença e a partir de comportamentos diversos (GONÇALVES, 2012). Por conseguinte, ações na postura psicossocial vêm sendo estudadas para assim se ter um melhor entendimento sobre a doença na vida das pessoas. Nesse sentido, iremos agrupar os efeitos da DA no sistema nervoso central e a musicoterapia como uma das alternativas de tratamento e sua eficácia.

1. Doença de Alzheimer

Segundo Bruno Dubois et al. (2010, p. 2),

(...) os médicos usam o termo DA para se referir a uma entidade clínica que normalmente apresenta um transtorno amnésico progressivo característico com aparecimento subsequente de outras alterações cognitivas, comportamentais e neuropsiquiátricas que prejudicam a função social e as atividades da vida diária.

De fato, a doença de Alzheimer se trata de uma demência progressiva que acomete a memória episódica como um sinal prodromico que compromete outras habilidades cognitivas (DUBOIS, et al., 2010).

A DA apresenta degradação sináptica e morte neuronal vistas nas regiões cerebrais encarregadas pelas funções cognitivas, que abrange o córtex cerebral, o hipocampo, o córtex entorrinal e o estriado ventral (SERENIKI, 2008). Além disso, são observadas alterações devido a lesões parenquimatosas intraneurais e extracelulares juntamente com perda sináptica e depósitos amiloides vasculares.

O doente portador de Alzheimer, pode apresentar diferentes sintomas dependendo da fase. Com isso, em um estado inicial o enfermo não apresenta muitas alterações de memória, habilidades físicas e intelectuais. Todavia, em condição mais tardia o paciente pode apresentar um quadro demencial, no qual não responde por ele, além



de perder a capacidade de resolver questões simples, coordenação motora e apresentar memórias que sofrem oscilação (CAETANO, 2017).

De acordo com Moura (2015), a doença de Alzheimer possui quatro estágios, sendo eles: estágio inicial com presença de desorientação temporo-espacial, isolamento social, memória recente afetada e apatia; estágio moderado no qual apresenta comprometimento do domínios cognitivos, piora dos déficits de memória, alterações comportamentais e alucinações; estágio moderadamente grave o comprometimento das funções cognitivas aumenta, dificuldades para falar e andar, não reconhece as pessoas do seu círculo social e nem a si mesmo; estágio grave ficam acamados, incontinentes, grande comprometimento na fluência verbal, evoluindo para o mutismo sobrevivendo a óbitos devido a complicações como embolia pulmonar, pneumonia e septicemia.

Por existir diferentes tipos de demência, o Alzheimer nem sempre é de fácil reconhecimento. Apesar disso, há marcadores que são utilizados como forma de investigação para a doença como a amilóide (A), tau fosforilada (T) e neurodegeneração (N) que abrange um caminho perceptível para o diagnóstico da disfunção, visto que a presença de β amilóide é uma característica denominada patológica de Alzheimer. Porém, são marcadores que na rotina não são muito usados por ser uma técnica muito invasiva de dosagem, visto que são medidos pelo teste de líquido cefalorraquidiano (SCHELTENS, 2021).

Outrossim, uma das maneiras mais utilizadas para o diagnóstico se dá através da clínica, por meio de uma boa relação médico-paciente, anamnese e teste neuropsicológico. Além disso, um dos principais exames complementares é a análise da neuroimagem, como a tomografia que emite prótons (PET), técnica que apresenta averiguações ligadas ao hipometabolismo de glicose em áreas do cérebro, no qual facilita o diagnóstico do Alzheimer (SANTOS, 2017).

2. Musicoterapia

Segundo Cunha (2007, p. 2), pode-se afirmar que:

(...) a música pode ser percebida como uma forma de sentir e pensar que cria emoções e inventa linguagens. O significado da música é resultante do



contexto social e cultural interiorizado pelas pessoas. É dessa forma que a música pode se colocar como um elemento que produz e expressa significados. Essa possibilidade de envolver o ser humano em dinâmicas psicológicas e fisiológicas, de estruturar e comunicar pensamentos e emoções nos âmbitos da vida individual e coletiva, é que tem dotado a música de capacidades terapêuticas.

Em seu artigo, a autora ressalta que com o passar dos anos tivemos avanços no uso de práticas integrativas e terapêuticas que auxiliam no tratamento de algumas doenças, de todas, a música se destaca como terapia. Esta beneficia a qualidade de vida do sujeito em situações que ocorrem alterações físicas, mentais e sociais, e gera, com a musicoterapia, resposta ao tratamento de diversas enfermidades.

A sessão de musicoterapia pode reorganizar a cognição dos pacientes. No decorrer da interação com a sonoridade, a pessoa pode associar ela a suas lembranças e emoções, percebendo-se e manifestando-se, dentro da sua possibilidade motora e cognitiva atual. Na prática, essa terapia usa instrumentos musicais que são do agrado dos pacientes. Quando se fala da utilização da música em idosos, a voz e o corpo são objetos importantes na comunicação e o musicoterapeuta busca, de forma prévia, as histórias dos pacientes para iniciar o trabalho durante a sessão (CUNHA, 2007).

Pode-se observar que pacientes portadores da doença de Alzheimer que passaram pela musicoterapia tiveram um grande desenvolvimento na questão funcional e cognitiva, principalmente os que tiveram envolvimento musical durante sua vida (BARBOSA, et al., 2017). De fato, a música gera reações emocionais e isso faz com que a atividade favoreça o revestimento em si, o que previne regressão da doença.

A musicoterapia após realizar interações com percussões, instrumentos, uso do vocal, movimentação dos membros inferiores e superiores, mostrou-se que essas ações diminuiriam o grau de isolamento e a solidão em que normalmente pertenciam. Sendo assim, essa interação musical faz com que as pessoas tenham capacidade de lidar com o meio que os cerca. (SOUSA, 2021)

A musicoterapia pode atuar como função compensatória no processo de reabilitação. Isso significa dizer que pode-se identificar habilidades ou funções preservadas dos pacientes e, com isso, desenvolver novas habilidades que possam compensar o déficit (SILVA, Tereza et al., 2014 p. 4).

A musicoterapia mostra-se como boa estratégia para tratamento da sintomatologia de doenças, bem como, melhora na relação médico-paciente, o que torna o atendimento





mais humanizado. Além disso, trata-se de uma abordagem de baixo custo e de fácil acesso, que tem como vantagem facilitar o atendimento biopsicossocial e espiritual, restaura o equilíbrio e o bem-estar, beneficia a comunicação e integra o indivíduo socialmente (IBIAPINA, et al., 2022).

CONCLUSÕES

Evidencia-se, portanto, que a musicoterapia mostrou-se eficaz como tratamento complementar na doença de Alzheimer. Ela foi capaz de auxiliar os portadores da doença que se encontravam em processo de perda da memória. As comunicações estimuladas oportunizam trocas sociais pautadas pela expressão de suas musicalidades, identidades e afetividades.

REFERÊNCIAS

BERKENBROCK, Ivete; et al. Diagnóstico e tratamento da doença de Alzheimer. **Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia**; Kitner D, Jaluul O, organizadores. PROGER Programa de Atualização em Geriatria e Gerontologia: Ciclo 3, p. 79-142, Porto Alegre: Artmed Panamericana; 2017. Disponível em: <https://portal.secad.artmed.com.br/artigo/diagnostico-e-tratamento-da-doenca-de-alzheimer>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

BARBOSA, Ana Paula Silva; COTTA, Mariana. Psicologia e musicoterapia no tratamento de idoso com demência de Alzheimer. **Faculdade Ciências da Vida-FCV**. Disponível em: <http://jornalold.faculadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/284/148>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

CAETANO, Liandra Aparecida Orlando; SILVA, Felipe Santos; SILVEIRA, Cláudia Alexandra Bolela. Alzheimer, sintomas e grupos: uma revisão integrativa. **Vínculo - Revista do NESME**, vol. 14, núm. 2, pp. 84-93, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1394/139454198010/>. Acesso em: 12 de setembro de 2022.

CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia na abordagem do portador de doença de Alzheimer. **Revista Científica FAP**, v. 2, p. 220-221, 2007. Disponível em:





<http://200.201.12.34/index.php/revistacientifica/article/view/1733/1078>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

DUBOIS, Bruno; et al. Revising the definition of Alzheimer's disease: a new lexicon. **The Lancet Neurology**, v. 9, ed. 11, 2010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1474442210702234>. Acesso em: 12 de setembro de 2022

IBIAPINA, Aline Raquel de Sousa; et al. Efectos de la musicoterapia sobre los síntomas de ansiedad y depresión en adultos con diagnóstico de trastornos mentales: revisión sistemática. **ACTA Paulista da enfermagem**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AR02212>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/xRT56hdPydcZCM4BJXVN8HK/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 11 de setembro de 2022.

GONÇALVES, Endy-Ara Gouvea; CARMO, João dos Santos. Diagnóstico da doença de Alzheimer na população brasileira: um levantamento bibliográfico. **Rev. Psicol. Saúde**, v. 4, n. 2, p. 170-176, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2012000200010. Acesso em 15 maio 2023.

KHAN, Sahil; BARVE, Kalyani H.; KUMAR, Maushmi S. Recent advancements in pathogenesis, diagnostics and treatment of alzheimer's disease. **Current Neuropharmacology**, 2020. DOI: [10.2174/1570159X18666200528142429](https://doi.org/10.2174/1570159X18666200528142429). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7709159/>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

MOURA, Priscila Souza Leite; MIRANDA, Núbia Fidelis; RANGEL, Ludmilla Carvalho. As fases da doença de Alzheimer e os cuidados necessário a serem implementados pelo cuidador. **Revista interdisciplinar do pensamento científico**, v. 1, n. 13, p. 11-17, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v1n2a13>. Disponível em: <http://reinpeconline.com.br/index.php/reinpec/article/view/88/51>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

SANTOS, Juliana Bernal. Utilização da neuroimagem no diagnóstico complementar na doença de Alzheimer. **UneCesumar**, 2017. Disponível em:



<https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/346/1/Juliana%20Bernal%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

SERENIKI, Adriana; VITAL, Maria Aparecida Barbatto Frazão. Alzheimer's disease: pathophysiological and pharmacological features. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-81082008000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/LNQzKPVKxLSsjbTnBCps4XM>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

SCHELTENS, Philip; STROOPER, Bart; KIVIPELTO. Doença de Alzheimer. **The Lancet**, v. 397, ed. 10284, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140673620322054?via%3Dihub>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

SILVA, Tereza Raquel de Melo Alcântara; MOREIRA, Shirlene Vianna; MIOTTO, Eliane Correia. Music Therapy, Cognitive Rehabilitation and Alzheimer's Disease: a Systematic Review. **União Brasileira das Associações de Musicoterapia**, n. 17, p.57-62, 2014. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/216/195>. Acesso em: 23 de setembro de 2022

SOUSA, Amanda Nunes da Silva; SARAIVA, Mônica Silva; MACHADO, Thaísa Vitória Ribeiro. A utilização da musicoterapia no tratamento de idosos diagnosticados com a doença de Alzheimer. **Research, Society and Developmet**, v. 10, n. 12, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i12.20010>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20010/18027>. Acesso em: 28 de setembro de 2022.

